

O movimento estudantil secundarista: um estudo sobre a ocupação do Liceo Lastarria na cidade de Santiago no Chile

Resumo: O objetivo da pesquisa foi identificar os fatores que motivavam os estudantes a construir a greve estudantil de 2011 na cidade de Santiago no Chile, bem como as formas de organização política e administrativa no contexto da ocupação estudantil de 2011 no Liceo Lastarria, localizado no bairro de Providência. Usamos como ferramenta metodológica o diário de campo para articular as informações que colhemos durante a ocupação e desta forma, construir inferências mais claras e aproximadas das realidades vividas na ocasião. Consideramos que a participação da juventude nos processos democráticos tanto ampliam os horizontes das pautas, como também enriquece e alarga a democracia institucional.

Abstract: *The objective of the research was to identify the factors that motivated the students to build the student strike of 2011 in the city of Santiago in Chile, also regarding the forms of political and administrative organization in the context of the student occupation of 2011 in the Lastarria Liceo, located in the Providencia neighborhood in the city of Santiago in Chile. We used as a methodological tool the field diary to articulate the information that we captured during the occupation and, in this way, to construct clearer and approximate inferences of the realities lived on that period. We believe that youth participation in democratic processes both widens the horizons of the youth agenda, but also enriches and broadens institutional democracy.*

Introdução

No segundo semestre de 2011 estivemos em intercâmbio estudantil na *Universidad Diego Portales - UDP* na cidade de Santiago no Chile. Nesta ocasião muitas escolas secundaristas na capital chilena e do interior encontravam-se ocupadas por estudantes, inclusive a Universidade do Chile, e odas as quintas-feiras aconteciam protestos com cerca de cem mil pessoas nas ruas de Santiago. Na ocasião nos questionávamos sobre quais pautas estas ocupações levantavam: em qual realidade as ocupações estavam inseridas e quais eram suas narrativas?

Havia também a compreensão da necessidade de entender o movimento para além das ocupações, o que era questionamento em comum dos pesquisadores: Quais são os desdobramentos políticos e sociais da ocupação em questão? Que interesses defendiam? Como os membros se relacionavam? Quais suas orientações culturais, políticas e ideológicas? Existem por parte do movimento, visões sociopolíticas voltadas para outros campos além do movimento estudantil? Alguns dos questionamentos realizados não são passíveis de respostas neste artigo, em virtude da limitação do observável, como também referente ao limite teórico que o assunto alcança, por ser um fenômeno recente e uma história viva que tem seus reflexos cotidianamente em disputa.

As ocupações tinham um cotidiano organizado e agendado com tarefas e compromissos, o que nos fazia refletir a respeito da articulação e integração entre estudantes. Todas as quintas-feiras aconteciam as paralisações nacionais e estavam presentes além dos estudantes secundaristas, universitários, pais, professores, companhia de teatro, poetas, músicos, jornalistas, escritores, crianças, idosos e turistas. Traziam consigo instrumentos musicais, faixas, cartazes e fantasias que expressavam seus posicionamentos políticos.

Havia uma mistura de gerações, cores e expres-

sões formando um grande caldeirão cultural de luta e resistência na busca de uma educação de qualidade e gratuita para todas e todos. O agregado de diversas categorias nos provocava também uma compreensão estética a respeito da ocupação.

"Nas últimas cinco décadas, vimos mudanças importantes na forma de pensar e gerenciar a educação. Talvez a mudança que tenha tido o maior impacto na política educacional tenha sido a vez de medir o desempenho acadêmico e sua relação com os padrões. Esta abordagem, que representa a continuação da tendência das políticas públicas voltadas para a medição dos resultados da população, é conhecida como reformas baseadas em padrões (RBE). A lógica das reformas educacionais no Chile está inscrita, com cada vez mais propriedade, neste sistema que representa o RBE" (CASASSUS, 2010, p 85 "tradução nossa").

Um dos pontos de concentração dos manifestantes era a praça Itália e em poucos minutos toda Avenida Alameda estava ocupada, com lojas e metrô fechados. O aparato policial era forte, os carabineiros utilizavam gás lacrimogêneo e carro lança água contra os manifestantes que permaneciam na marcha.

A resistência dos estudantes nas manifestações frente à repressão do Estado e às condições socioculturais e naturais, nos parecia ser um elemento central e de forte coesão entre eles. Certa vez, acordamos e estava nevando em Santiago e era dia de paralisação nacional, o que significava mais uma grande manifestação nas ruas da Capital e do interior. Ao ver a neve imaginávamos que a manifestação seria adiada em decorrência do frio, minutos depois sentimos de nossa janela o cheiro forte de gás lacrimogêneo e os sons dos estudantes com suas canções e palavras de ordem, nem mesmo as baixas temperaturas eram capazes de deter a determinação desta juventude, o cenário era de filme.

Maria Edivania Vieira da Silva

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE

Contato:

edvianiakollontai@hotmail.com

Luana Marques Carlos

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE

Contato:

lua-marques@live.com

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE

Contato:

macedouece@gmail.com

Palavras-chaves:

Movimento Estudantil Chileno. Juventude. Ocupação. Movimentos Sociais. Democracia.

Keywords:

Chileano Student Movement. Youth, Occupation Social Movements. Democracy.

Vale ressaltar, que nós estudantes/pesquisadores oriundos de cidades com clima semiárido, onde o calor, sol e vento são elementos climáticos socialmente naturalizados, ficamos surpresos ao vivenciar aquela manifestação em plena neve. Naquele contexto pudemos perceber a resistência daquele movimento, sendo a resiliência no calor e no frio sempre inebriantes.

Ao caminhar nas ruas de Santiago era possível notar que a pauta dos estudantes podia ser compreendida e apoiada por uma parcela significativa das pessoas que atravessavam a marcha. Nos bares, com músicas ao vivo, que fomos, havia em grande parte deles um momento em que os artistas cantavam as palavras de ordem das manifestações, tendo como exemplo um show do artista chileno Chico Trujillo, que ao cantar a canção *Que Vivan Los Estudiantes*, de Violeta Parra, levou o público ao delírio em um momento de protesto em plena apresentação.

Nos metrô, nas calçadas de escolas, universidades, nas praças e nas ruas era comum encontrar estudantes com uma caneca na mão para arrecadar dinheiro, para financiar a logística das ocupações dos estudantes, pois havia na organização interna uma busca por independência financeira, que se manifestava em frente à Universidade do Chile por meio de uma grande faixa com os dizeres “A luta é da sociedade todos por uma educação gratuita”.

Neste cenário optamos por fazer um estudo de caso da ocupação do *Liceo Lastarria*. A estrutura física possui uma quadra, um pátio principal e um secundário para os níveis menores e cinquenta salas de aula. O edifício é antigo, foi construído em 1913 em uma superfície de oito mil e quinhentos metros quadrados aproximadamente, e possui um estabelecimento educacional público que depende financeiramente e administrativamente da municipalidade de providencia. O local tem o ensino pré-escolar, fundamental e médio, em três turnos e contempla aproximadamente três mil e trezentos alunos, em setenta e seis cursos, e duzentos funcionários.

Segundo os autores chilenos Oscar Dávila, Felipe Ghiardo e Carlos Meandro (2008) a atuação dos sujeitos estudantis deve estar para além dos espaços de sala de aula. Portanto, ser estudante é compreender reflexivamente que:

“O ofício do estudante não é apenas dado no trabalho em sala de aula, na realização de provas ou nas estratégias relacionadas ao desempenho. O liceu, juntamente com uma instância de aprendizagem formal, é um espaço social, onde os estudantes se inter-relacionam uns com os outros, com os professores e com a coordenação. É uma microsociência com suas regras específicas, relacionamentos particulares e intersubjetividades” (DÁVILA, GHIARDO, MEDRANO, 2008, p. 233 “tradução nossa”).

Diante desse contexto, a luta dos estudantes contra o fim do lucro na educação é também a luta por uma sociedade igualitária, por igualdade de direitos não apenas para eles, mas para as futuras gerações.

Metodologia

Utilizamos o método regressivo-progressivo de Lefebvre (1971) para fundamentar o estudo de caso, que consta com a observação do tempo-presente-tempo-passado e tempo presente com um exercício constante de análise crítica, histórica e principalmente sociológica. O objetivo foi compreender quais os fatores que motivavam os estudantes a estarem em greve e as formas de organização política e administrativa dentro da ocupação. Esse movimento dialético justifica nossa escolha ao método regressivo-progressivo pelo fato de permitir verificar quando e como foi iniciado o processo de consolidação da ocupação do *Liceo Lastarria*; descobrir quais os desafios encontrados durante a ocupação e finalmente quais os desdobramentos decorrentes da ocupação.

Segundo Martins (1996), o método regressivo-progressivo consiste em:

“Nesse momento regressivo-progressivo é possível descobrir que as contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades. Na descoberta da gênese contraditória de relações e concepções que persistem está a descoberta de contradições não resolvidas, de alternativas não consumadas, necessidades insuficientemente atendidas, virtualidades não realizadas” (MARTINS, 1996, p. 22).

Este trabalho foi realizado por meio de observação direta, leitura de base teórica, entrevistas semiestruturadas, coleta de dados primários tendo como material produzido pelos estudantes (antes, durante e depois da ocupação) fotos, vídeos e atas de reuniões. Realizamos uma compilação de materiais (secundário de jornais e já produzido por outros pesquisadores) e participamos de algumas reuniões do grêmio estudantil e das manifestações às quintas-feiras. Todas essas ferramentas contribuíram para nosso exercício sociológico, intensivo de observação participante e aglutinação do material, no qual o desafio foi organizar as informações observadas como um quebra-cabeça.

A ocupação se estendeu por um período aproximado de cinco meses, entre a segunda semana de junho a novembro de 2011, sendo liderada pelo Grêmio Estudantil, de modo que é importante ressaltar que o movimento foi parte de uma grande greve nacional protagonizada por estudantes universitários e secundaristas liderados pela Confederação de Estudantes do Chile – CONFECH.

Os ocupantes tinham idade entre quatorze e dezesseis anos e contavam com o apoio de alguns professores, pais e ex-alunos que tinham acesso a espaços delimitados e restritos: o pátio principal, auditório, sala de jogos, sala do centro de estudantes e banheiros; outros ambientes estavam fechados por motivos de segurança e cuidados ao patrimônio.

No início tivemos dificuldade de entrar no liceu

pelo fato de ser apenas masculino desde sua fundação, porém, com nossa persuasão na terceira visita conseguimos autorização como pesquisadoras. Uma das preocupações dos estudantes era pelo fato de haver mulheres dentro da ocupação e repercutisse negativamente na imagem do movimento, portanto, durante nossa estadia na escola procuramos ser discretas.

A ocupação basicamente desenvolvia três tipos de atividades: esportivas, culturais e políticas que fundamentaram atividades tais como futebol, *skate*, música, violino, piano, assembleias gerais deliberativas e informativas, debates e oficinas.

No pátio central da escola encontramos uma bandeira desenhada pelos manifestantes que intitulava "O emblema da revolução estudantil" nas cores vermelho e branco, juntamente encontrava-se a bandeira do Liceo e cartazes com suas demandas estudantis como "Fim do lucro" e "Educação grátis e de qualidade".

Para a organização interna da ocupação existiam comissões compostas entre quatro e seis pessoas que se encarregavam das tarefas de limpeza, alimentação, finanças e oficinas. A cada semana aconteciam assembleias com objetivo de debater e decidir os rumos do movimento. Em uma de nossas visitas estava em votação a continuidade ou não da ocupação e mais uma vez, por unanimidade, foi decidido permanecer na luta mesmo que o preço fosse a perda do ano letivo, sendo reforçado pelas palavras de ordem: "Não é por nós, é por nossos filhos!".

Com o passar dos dias os alunos fortaleciam os laços de amizade, companheirismo, consciência política e de classe, e dialogavam com o pensamento de Karl Marx, permanecendo unidos até o final da ocupação, onde conseguiram interagir com a sociedade chilena e defender sua bandeira de luta: "Uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos".

Considerações finais

Henri Lefebvre (2001) em sua célebre obra *O Direito à Cidade* já nos colocava a problemática de pensar a crise urbana teórica e prática. Nesta perspectiva, tomando *O Direito à Cidade* como categoria analítica é possível situar as ações e movimentos de apropriação da cidade pelos cidadãos.

De acordo com o pensamento lefebvreano o espaço urbano é o *lôcus* da lógica de produção e reprodução do capital e a cidade torna-se um lugar da emergência de novas sociabilidades a medida que a produção do espaço urbano é orientada pelos tensionamentos, pelas lutas e, sobretudo, pelo conflito. *O Direito à Cidade* é por assim dizer uma questão pertinente pelo fato de ser também o guarda-chuva de acesso não só da cidade como centralidade para vida, mas também para o direito à educação, à moradia, à saúde e um conjunto de direitos fundamentais a vida. Desta forma, a manifestação dos estudantes é também a luta por uma sociedade igualitária.

O modelo de educação que os manifestantes contestam foi imposto pela ditadura Pinochet, nos anos 1980. Segundo o pensamento do sociólogo Laval, escola e fábrica se confundem num evidente viés empresarial. A lógica do sistema capitalista é a

acumulação a partir da produção, com o objetivo do lucro em detrimento de tudo. A escola neoliberal tem como principal objetivo formar capacidades de inovar, de formar mão-de-obra em estruturas de elaboração e comunicação e difusão dos saberes, mesmo que a cargo dos estados nacionais, assevera Laval.

A popularidade do presidente da República Chilena Sebastián Piñera (2011) decrescia com as grandes manifestações e a comoção nacional em busca de garantia constitucional de qualidade e gratuidade do ensino público, a proibição do lucro nas instituições que recebem aportes do Estado e a desmunicipalização da gestão educacional, apoiado pelo texto abaixo:

"Por exemplo, o sistema de financiamento por aluno envolve deixar as decisões que lhes permitem controlar os custos dos serviços educacionais que prestam aos apoiantes, assim como a gestão dos recursos humanos. No entanto, no caso dos estabelecimentos municipais, o grau de controle sobre esses recursos pelos administradores é muito limitado. A solução desta e outras tensões é indispensável e as políticas adotadas para melhorar a qualidade e a equidade da educação, particularmente na sua aplicação ao mundo estatal, não podem ser separadas dessas inconsistências" (BEYE, VALESCO, 2010, p.187 "tradução nossa").

Nas eleições de 2013 foram eleitos ao congresso Chileno quatro líderes do movimento estudantil de 2011: Giorgio Jackson, Camila Vallejo, Gabriel Boric e Karol Cariola que conseguiram mandatos na Câmara Baixa do Parlamento chileno. Em 2015 a nova presidenta do Chile, Michelle Bachelet, aprovou um trânsito gradual a uma nova estrutura da educação que deve ser transparente e inclusiva, com a proposta de que todos os estabelecimentos educativos, até 2018, se tornarão entidades sem fins lucrativos.

É interessante observar como as lutas das organizações políticas juvenis são articuladas em uma plataforma nacional e até internacional. Recentemente, em 2016, o Brasil passou por momentos de grande efervescência no movimento estudantil, nos quais muitos secundaristas da rede pública ocuparam suas escolas inicialmente por São Paulo, assim como o caso chileno também ocupavam as ruas tendo como palavras de ordem: "Acabou a paz, isso aqui vai virar o Chile".

Em contato com diversos jovens de vários sotaques, etnias, gêneros, práticas culturais, circuitos de lazer e grupos políticos com ideologias diferentes, foi possível perceber e aprender com a riqueza da diversidade de ideias e refletir sobre a dificuldade de chegar a consensos. Essa tempestade de ideias, o debate efervescente e múltiplo são partes contínuas da agenda dessas organizações juvenis que querem mudar o mundo a partir de sua realidade.

Após análise de dados pesquisados e da realização de leituras teóricas de autores como Venturi e Bokany (2005), chegamos a conclusões preliminares de que a participação dos(as) jovens nos assuntos públicos está entre as preocupações do debate sobre a ampliação dos processos democráticos. Muitas vezes

há exagero quando se denuncia a “apatia juvenil” e se deixa de perceber que a “crise de participação cidadã” é um fenômeno social ampliado que atinge todas as faixas etárias da população.

Referências bibliográficas

LEFEBVRE, Henri. (1971), *El materialismo dialéctico*. Buenos Aires: La Pléyade.

LEFEBVRE, Henri. (2001), *O Direito à Cidade*. Tradução de RE Frias. São Paulo: Centauro.

MARTINS, José de Souza. (1996), título do capítulo, in MARTINS, José de Souza (org), *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo, Editora Hucitec.

LAVAL, Christian. (2004), *A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Tradução de Maria Luíza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Planta

BEYE, Harald. VALESCO, Caroline. (2010), *Una educación pública más efectiva. ¿Los árboles no dejan ver el bosque?. Ecos de la revolución pinguina*. Santiago, Chile: Universidad de Chile- UNICEF- Pehuén Editores S.A.

CASASSUS, Juan. (2010), *Las reformas basadas en estándares: Un camino equivocado*. Ecos de la revolución pinguina. Santiago, Chile: Universidad de Chile- UNICEF- Pehuén Editores S.A.

DÁVILA, Oscar. Ghiardo, Felipe. (2008), Medrano, Carlos. *El liceo como espacio social*. Los Deshedados Trayectorias de vida y nuevas condiciones juveniles. Valparaíso, Chile: CIDPA cuarta edición.